

Estudo sobre a paixão vingança em “Duelo”, de João Guimarães Rosa¹

(Study on the revengeful passion of “Duelo” by João Guimarães Rosa)

Roseli Cantalogo Couto¹, Vera L. Rodela Abriata²

¹Sem vínculo Institucional

²Universidade de Franca - (UNIFRAN)

rcantalogo@hotmail.com, vl-abriata@uol.com.br

Abstract: This work analyses the tale “Duelo”, by João Guimarães Rosa and uses as theoretical reference the French Semiotics based on the *Dicionário de Semiótica* by A. J. Greimas and J. Courtés (s/d), on *Caminhos da Semiótica Literária* by Denis Bertrand (2003), and on *Dictionnaire des Passions Littéraires* by Patrizia Lombardo (2005), a study on revenge. The aim is to describe the construction of signification in the tale, focusing aspects of pragmatic, figurative, passionate, and enunciative dimensions. The transformations of state that the characters experience were described and in the passionate course, their state of soul was described by observing the passions that move them. It was noticed that the revengeful passion manifest itself in the tale, creating various meaning effects.

Keywords: Guimarães Rosa; semiotics; revenge.

Resumo: Este trabalho analisa o conto “Duelo”, de João Guimarães Rosa, e utiliza como referencial teórico a Semiótica Francesa com base nos estudos de A.J. Greimas e J. Courtés (s/d) em seu *Dicionário de Semiótica*, de Denis Bertrand (2003), em *Caminhos da Semiótica Literária*, e de Patrizia Lombardo (2005), que, no *Dictionnaire des Passions Littéraires*, dedica um verbete ao estudo da vingança. O objetivo é descrever a construção da significação do conto, focalizando aspectos de sua dimensão pragmática, figurativa, passional e enunciativa. Descrevemos as transformações de estado por que passam os atores e, em seu percurso passional, os seus estados de alma, observando as paixões que os movem. Nesse sentido, observamos que a paixão vingança se manifesta no conto, criando efeitos de sentido diversos.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; semiótica; vingança.

“Duelo”

A vingança como paixão

O conto “Duelo” faz parte do livro *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, e chamamos a atenção para o título, Duelo, que pressupõe um combate entre duas pessoas, o que, em tempos remotos, era prática comum, associada, pois, ao senso de justiça selvagem. Seria previsível começar com uma disputa por “um ponto de honra”. No conto, ambos os atores, Turíbio Todo e Cassiano Gomes, têm motivos para querer limpar sua honra. Mas em nosso imaginário cultural sedimentou-se a ideia de que apenas um dos dois contendores, em um duelo, sobrevive, havendo justiça se o ofensor morre, ou injustiça quando a vítima não consegue recuperar sua honra, matando o ofensor. Patrizia Lombardo (2005, p. 279)²

¹ Este artigo é síntese de um capítulo de dissertação de mestrado, defendida na UNIFRAN, em 2008.

² As referências ao verbete ‘vingança’, de Patrizia Lombardo, constante do *Dictionnaire de passions littéraires*, são feitas com base em tradução do texto, realizada pela professora Dra. Vera Lucia Rodella Abriata.

faz referência, no verbete “vingança” do *Dictionnaire des passions littéraires*, à forma como Aristóteles concebe a violência: “[...] na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles afirma que os seres humanos tentam revidar o mal com o mal e que, se estão na condição de não poder fazê-lo, eles são ou consideram-se escravos”.

Para Aristóteles (2007, p. 96), a vingança faz cessar a ira, pois faz nascer no interior daquele que a pratica um doce prazer, ao expulsar a amargura do sofrimento. Conforme o autor (ARISTÓTELES, 2007, p. 96), aquele que não conseguir vingar-se, vive como que a carregar um fardo pesado e invisível. E, porque essa maneira de ser não se manifesta facilmente, ninguém consegue ajudar a remover tal sofrimento do vingativo ou desviá-lo dos seus intentos vingativos e, assim, é preciso muito tempo até que ele consiga digerir a ira dentro de si. Assim, pessoas desse gênero são das mais inoportunas tanto para seus melhores amigos como para si próprias.

Segundo Greimas e Courtés ([s.d.], p. 491), a vingança, como a justiça, é uma forma de retribuição negativa (ou punição), exercida na dimensão pragmática, por um Destinador dotado de um *poder-fazer* absoluto. Contudo, ela não se confunde com a justiça, pois, enquanto esta recorre a um Destinador social, aquela recorre a um Destinador individual. Ambas, associam-se, pois, à fase de sanção do percurso narrativo.

Lombardo (2005, p. 279) observa que, na mitologia grega, os próprios deuses conhecem e praticam a vingança que se inclui, assim como a violência, em seu código ético. Desse modo, a vingança é uma paixão antiga, cujo valor foi posto em causa pelo Cristianismo. Conforme a autora (2005, p. 279), o perdão, conceito cristão fundamental, não poderia ser compreendido sem a paixão da vingança, a que ele se opõe.

Nos estados modernos, explica Lombardo (2005, p. 279), com a vigência do sistema de leis, há a passagem da prática selvagem da punição à organização da justiça:

O sistema das leis nas nações e nos estados modernos marca a passagem da prática selvagem da punição à organização da justiça, que é uma vingança sancionada socialmente, e não é mais, portanto, uma paixão. [...] Paixão da História por excelência, sentimento humano fundamental, [...] a vingança nutriu uma grande parte da literatura ocidental. (LOMBARDO, 2005, p. 279)

A autora (LOMBARDO, 2005, p. 279) reflete também sobre as pequenas vinganças que se instalam na existência diária, da vida doméstica e familiar à vida profissional.

Lombardo (2005, p. 279) analisa também que não seria possível pensar o teatro, o romance, a poesia, sem a vingança e as outras paixões que a ela se associam, tais como o orgulho, a honra, o ciúme, a raiva, o rancor, o ressentimento, o ódio, a traição, a ofensa, o sentido de potência ou de impotência.

Nada no humano é estranho à paixão da violência, e é infinita a variedade dos objetos sobre os quais ela pode se manifestar. Muitas são as referências literárias em que a paixão da violência se concretiza, não somente na Antiguidade grega e latina — onde encontramos, por exemplo, a vingança divina e a vingança humana, na *Iliada* e *Odisseia* — mas também na literatura da Renascença, em particular no teatro elizabetano. A autora (LOMBARDO, 2005, p. 280) afirma que, na época da reflexão sobre o Estado moderno, a literatura traduz mais e mais a tensão entre o desejo brutal de vingança e o caráter desinteressado da justiça.

Citando Francis Bacon, Lombardo (2005, p. 280) ressalta que, em sua obra *Ensaio civil e moral* (1597), o autor denomina essa paixão de *wild justice* (justiça selvagem), e enfatiza seu caráter antissocial e autodestruidor: “Na sociedade humana, a vingança usurpa o papel da lei”.

Lombardo também se refere à obra *The Theory of the Moral Sentiments*, de Adam Smith, filósofo do século XVIII, que observa os motivos que levam os homens a vingar-se:

[...] o ressentimento e o desejo de punir uma ofensa, ou o que é considerado como tal. A vingança, então, não pode ser entendida sem a gratidão, o outro sentimento que está relacionado ao que sentimos diante da ação de outro. As duas paixões opostas têm a mesma origem, e, por assim dizer, a mesma rapidez emotiva, porque uma ação que nos parece ser digna de mérito evoca imediatamente a nossa sensação de gratidão, bem como a ação que nos traz danos evoca imediatamente o desejo de infligir o mal ao outro. (2005, p. 280)

Lombardo (2005, p. 281) observa, portanto, que a reflexão sobre o homem — da filosofia à política, à economia, à história, à literatura — foi constantemente examinada em relação ao problema da vingança.

Assim, o conto rosiano relata a luta entre dois homens que, por questões de honra, realizam um percurso de busca da vingança-selvagem ou justiça-selvagem. Perseguem-se pelos caminhos do sertão obedecendo a uma tradição dentro da estrutura social em que vivem segundo a qual a honra ultrajada deve ser lavada com sangue.

No texto, temos a morte dos dois contendores, uma vez que ambos têm sua honra ofendida e se tornam vítimas um do outro, como consequência da justiça selvagem que assumem com base na visão de mundo da coletividade a que pertencem.

O percurso de Turíbio Todo: A descoberta da traição e o planejamento da vingança

O conto “Duelo” inicia-se com a projeção do ator Turíbio Todo no papel temático de um seleiro que nascera “à beira do Borrachudo”. Desse modo, o narrador cria a ilusão referencial, ao individualizar o ator, por meio desses procedimentos de iconização, atribuindo-lhe um nome e uma profissão e ao localizá-lo espacialmente: “Turíbio Todo nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pelos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau” (ROSA, 1977, p. 141). Além disso, o narrador cria o motivo estereotipado do indivíduo feio e malvado, ao delinear seu perfil físico, provendo-o de um papo, e ao atribuir-lhe características disfóricas como a vagabundagem e a maldade.

Logo a seguir, no entanto, um comentário do narrador desmascara a iconização, ao se referir ao início da “estória”: “Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão. Aliás, os capiaus afirmam isto assim peremptório, mas bem que no caso havia lugar para atenuantes” (ROSA, 1977, p. 141).

Desse modo, explicita o caráter metadiscursivo do texto, ao se projetar no presente da enunciação, referindo-se a “esta estória”, ou seja, a estória por ele criada. Logo, utilizando-se de tal figura, remete-nos ao tema da criação ficcional literária.

Nessa estória, o ator Turíbio Todo, como sujeito de estado, vai realizar uma performance cognitiva em que passará do não saber ao saber, pois descobrirá a traição que sofreu, ao voltar antecipadamente de uma pescaria e surpreender a esposa, dona Silivana, com o amante Cassiano Gomes em pleno adultério. É interessante observar ainda, tendo em vista o trecho citado acima, que o narrador, ao chamar a atenção do narratário para o texto como forma de ficção literária, recria a ética sertaneja.

Desse modo, a afirmação do narrador, que moraliza o comportamento do ator, dando-lhe razão, no início da “estória”, baseia-se no código de ética da comunidade, figurativizada pelo sujeito “capiaus”.

Nesse sentido, Turíbio, de acordo com o ponto de vista da coletividade, teve sua honra ofendida, pois a fidelidade é, para o sujeito coletivo, regra de comportamento. Portanto, ela não deve ser transgredida nesse meio social em que a ruptura do contrato ético é interpretada como merecedora de sanção negativa.

Inserido num ambiente em que a ética sertaneja exige que o marido traído limpe sua honra, Turíbio, de início, não deixa o casal perceber que descobrira a traição, pois o rival era ex-militar e estava armado. É interessante observar como o narrador, com muito humor e ironia, relata a ausência de reação por parte do sujeito ofendido:

Felizmente que os culpados não o pressentiram. Turíbio Todo costumava chegar com um mínimo de turbulência; ouviu vozes e espiou por uma fissa da porta; a luz da lamparina, lá dentro, o ajudando, viu. Mas não fez nada. E não fez porque o outro era o Cassiano Gomes, ex-anspeçada do 1º pelotão da 2ª companhia do 5º Batalhão de Infantaria da Força Pública, onde as gentes aprendiam a manejar, por música, o ZB tchecoslovaco e até as metralhadoras pesadas Hotchkiss; era, portanto, muito homem para lhe acertar um balaço na testa, mesmo estando assim em sumariíssima indumentária e fosse a distância para duzentos metros, com alvo mal iluminado e em movimento. (ROSA, 1977, p. 143)

Ainda nesse trecho, percebemos que o narrador, ao relatar o ocorrido, assume o ponto de vista de Turíbio, que faz um julgamento dos sujeitos, tratando-os de “culpados”. Assim, praticar adultério é o programa de performance do casal de amantes que recebe a sanção negativa do Destinator-julgador, o marido traído.

A narrativa centra, nesse momento, a atenção no ato de adultério, reprovado dentro do contexto social da comunidade sertaneja, que terá, portanto, consequências.

Turíbio, inicialmente, contudo, simula desconhecer o adultério, porque teme a reação do sujeito transgressor. Assim, apesar de querer vingar-se, não pode-fazer, porque sabe que o rival tem a competência: está armado e pode matá-lo, ao passo que ele está em desvantagem. No fragmento abaixo, as figuras que revelam isso são o *parabellum*, arma pertencente ao rival, em contraste com a “faquinha de tirar bicho-de-pé”, que revela a desvantagem em que se encontrava Turíbio.

Turíbio Todo não ignorava isso, nem que o Cassiano Gomes era inseparável da *parabellum*, nem que ele, Turíbio, estava, no momento, apenas com a honra ultrajada e uma faquinha de picar fumo e tirar bicho-de-pé. (ROSA, 1977, p. 143)

Turíbio retorna à casa no dia seguinte sem deixar vestígios de sua descoberta e vai tramando a vingança, passando a manifestar um estado de descontentamento e intensificação da raiva, à medida em que reflete sobre a traição:

Todavia, como o bom, o legítimo capiau, quanto maior é a raiva tanto melhor e com mais calma raciocina, Turíbio Todo dali se afastou mais macio ainda do que tinha chegado, e foi cozinhar o seu ódio branco em panela de água fria.

E fez bem, porque então lhe aconteceu o que em tais circunstâncias acontece às criaturas humanas, a 19° de latitude S. e a 44° de longitude O. : meia dúzia de passos e todo o mau-humor se deitava num estado de alívio, mesmo de satisfação. Respirava fundo e sua cabeça trabalhava com gosto, compondo urdidos planos de vingança. (ROSA, 1977, p. 143)

Observamos que o sujeito está modulado pelo estado passional de “raiva e ódio”, mas, como relata o narrador, “foi cozinhar o seu ódio branco em panela de água fria”. Observa-se aí um conector de isotopias, pois o cozinhar, no sentido denotativo, pressupõe o preparo do alimento no fogo, ao passo que, ao utilizar a acepção popular da expressão popular “cozinhar em água fria” — cujo significado metafórico é “adiar... a efetivação de uma medida” (FERREIRA, 1999, p. 573) — o narrador traduz a intenção de Turíbio, de cozinhar o ódio, ou seja, de tramar a vingança, adiando-a para melhor realizá-la. E essa trama não pode pressupor o traço tátil “quente”, associado às paixões da raiva e do ódio do primeiro momento, mas sim o traço tátil “frio”, pois o plano de vingança deve ser da ordem do racional, deve ser arquitetado. Percebe-se, pois, nessa expressão, que constitui um conector de isotopias a presença dos traços táteis /quente *versus* frio/, que se associam respectivamente às paixões do ódio e da vingança.

O sujeito passa, no primeiro momento, a reprimir os estados de alma da raiva e do ódio para poder planejar, portanto, a vingança. Nesse sentido, é interessante lembrar o estudo de Lombardo (2005, p. 280) quando reflete sobre os motivos que levam os homens a vingar-se: [...] o ressentimento e o desejo de punir uma ofensa, ou o que é considerado como tal. “[...] a ação que nos traz danos evoca imediatamente o desejo de infligir o mal ao outro” (LOMBARDO, 2005, p. 280).

O sujeito torna-se competente, portanto, desse modo, para a realização da vingança selvagem e trama o assassinato que quer cometer. Para moralizar o seu estado, apoia-se no código ético sertanejo que aceita como justificável um assassinato para limpar a honra ofendida, como se nota no trecho que citamos na sequência:

[...] Altos são os montes da Transmantequeira, belos os seus rios, calmos os seus vales; e boa a sua gente... Mas, homens são os homens; e a paciência serve para vãos andares, em meados de maio ou no final de agosto. Garruchas há que sozinhas disparam. E é muito fácil arranjar-se uma cruz para as sepulturas de beira de estrada, porque a bananeira-do-campo tem os galhos horizontais, em ângulos retos com o tronco, simétricos, se continuando dos lados, e é só ir cortando, todos, com exclusão de dois. E... que? O tatu-peba não desenterra os mortos? Claro que não. Quem esvazia as covas é o tatu-rabo-mole. O outro, para que iria ele precisar disso, se já vem do fundo do chão, em galerias sinuosas de bom subterrâneo? Come tudo lá mesmo, e vai arrastando ossadas para longe, enquanto prolonga seu caminho torto, de cuidadoso sapador. (ROSA, 1977, p. 143-144)

O narrador novamente de maneira metafórica alude ao modo como Turíbio Todo planeja a vingança selvagem em que fica claro que o sujeito deve pagar a traição com a

vida. Assim, a morte do rival é figurativizada pelas garruchas que sozinhas disparam e o efeito da morte, tendo como causa a vingança para reparar a traição, traduz-se pela figura da cruz, feita de folhas de bananeira e pela referência metafórica ao percurso do tatu peba, que age de forma a não deixar vestígios, reiterando assim a ideia do assassinato premeditado, arquitetado. O percurso do tatu peba pode ser comparado, portanto, ao percurso de Turíbio, que quer matar e enterrar Cassiano sem deixar vestígios do crime.

Depois que realizasse a vingança, Turíbio planejava afastar-se do lugar por uns tempos, pois, quando voltasse, todos já teriam esquecido o ocorrido:

Nem por sonhos pensou em exterminar a esposa (Dona Silivana tinha grandes olhos bonitos, de cabra tonta), porque era um cavalheiro, incapaz da covardia de maltratar uma senhora, e porque basta de sobra, o sangue de uma criatura, para lavar, enxaguar e enxugar a honra mais exigente.

Agora tinha de cair no mundo e passar algum tempo longe, e tudo estaria muito bem, conseqüente e certo, limpadamente realizado, igualzinho a outros casos locais. (ROSA, 1977, p. 144)

Quando se sente preparado, vai tocar a casa de Cassiano Gomes, atirando pelas costas do suposto rival. Dessa forma, modela o seu fazer com o do costume local, como se nota no trecho que citamos. E assim o narrador, assumindo o ponto de vista de Turíbio, como se observa pelo uso da embreagem temporal, concretizada pelo uso do “agora”, anula a distância entre o tempo da enunciação e do enunciado. Desse modo, tece um juízo de valor que expressa a ética sertaneja em que a performance do assassinato para vingar a honra ofendida é sancionada, ou moralizada de forma positiva e é prática comum, como está figurativizado em “igualzinho a outros casos locais”.

Mas, ironicamente, em vez do rival, assassina o irmão, pois os confunde devido à semelhança física entre eles, que era só física, pois Levindo Gomes, o irmão do rival, não tinha nenhuma afinidade com armas e muito menos costume de mexer com mulher casada. Turíbio Todo, sem saber do engano, se auto-sanciona de forma positiva e imagina que teve a honra de marido traído vingada. No entanto, seu plano de vingança é frustrado, e o sujeito não se realiza, ou seja, não recupera o objeto-valor “honra”, pois Cassiano mantém-se conjunto com o valor vida.

O engano de Turíbio Todo e o percurso de vingança de Cassiano Gomes

Ao ato de vingança, que lhe parecia justificável, sobrepõe-se um assassinato por engano. A ação, que deveria ser moralizante, torna-se um desastre, pois a vingança que se esperava, de acordo com o código ético do lugar, e que seria até justificada, transformou-se num ato de fraqueza e covardia.

O enunciador, por meio de uma debreagem interna, delega a voz a um “eu”, nomeado de Exaltino-de-trás-da-Igreja, que revela a sanção da coletividade, para a performance de Turíbio, prevendo-lhe a morte pelo engano que cometera ao assassinar um inocente:

Já ele pronto, quando estava amarrando a capa nas garupeiras, ainda ouviu o que o Exaltino-de-trás-da-Igreja falou, baixinho, para o Clodino Preto:

– Está morto. O Turíbio Todo está morto e enterrado!... Essa foi a última trapalhada que o papudo arranhou... (ROSA, 1977, p. 145)

O engano de Turíbio joga-o no exílio, porque ele perde a razão de vingador e torna-se alvo da vingança de Cassiano.

Inicia-se, então, o percurso de Cassiano Gomes, por meio de uma jornada de perseguição a Turíbio Todo. Sendo aquele ex-militar de grande pontaria, notável na habilidade com armas, segundo a visão de Turíbio Todo, observamos que sua disposição à vingança começa após o enterro de seu irmão, Levindo Gomes.

Cassiano passa a ser sujeito que também deseja vingar-se e desenvolve seu próprio percurso passional. Assim, vai buscar reparar o dano causado por Turíbio e prepara-se para uma retaliação, também modulado, portanto, pelo desejo de vingança.

Seguem-se longos meses de tocaia e perseguições entre os sujeitos, e a possibilidade de um duelo se manifesta por meio da fala de Cassiano, descrevendo a fuga de Turíbio, que parte, veloz, sendo quase impossível que alguém o alcance, mas aquele imagina que este, ao cansar e sentir falta de casa, voltará descuidado e vulnerável como se percebe no excerto abaixo:

Ele vai como veado acochado, mas volta como cangussú... No meio do caminho a gente topa, e quem puder mais é que vai ter razão...

Não precisava, portanto, de pressa, e podia ir na marcha estradeira, sem estropiar a bestinha. E, nem que só para não deixar que se esgotassem as suas reservas de ódio, punha ele a ideia em assuntos amenos, e se relaxava para caçar o joá nas capoeiras e, nos campos, a codorna e a pomba torcaz. (ROSA, 1977, p. 145-146)

Durante os meses que se seguem, os dois esperam o momento do confronto. Tentam, a cada passo, reavaliar e adaptar suas estratégias de resistência. Sempre com jogos táticos de esconde-esconde, ora em caminhos contrários, ora sem saber, lado a lado, ora um, ora outro, em vantagem ou desvantagem:

E assim, pensando dessa louvável maneira, ele passou a viajar de preferência à noite, cortando mato a dentro, evitando a estrada-mestra, fazendo grandes rodeios e dormindo de dia, em impossíveis lugares. (ROSA, 1977, p. 147)

Turíbio segue adiante, tem que fugir em desvantagem, pois quem persegue consegue mais informações de onde o outro possa estar e tirar proveito disso. Então, Cassiano espera encontrá-lo rapidamente, e essa é também a opinião do narrador como podemos conferir pelo trecho a seguir:

Fugindo, Turíbio Todo levava aparente desvantagem. Mas Cassiano fiava muito pouco nessa correria, porque a qualquer momento a caça podia voltar-se, enraivada; e vem disso que às vezes dá lucro ser caça e quem disser o contrário não está com a razão. (ROSA, 1977, p. 146-147)

Cassiano conhece, em doses lentas, os efeitos do ressentimento e o desejo de punir seu ofensor, associado à vingança. Na urgência de infligir o mal ao outro, tornando-se o instrumento de sua desgraça, conhece novas regras em que o corpo é o limite, pois não consegue vencer as circunstâncias adversas dos caminhos difíceis e desconfortáveis. Sem alimentação adequada, ele percebe que qualquer alternativa para a vingança que planejar pode ser insustentável e começa a experimentar a decomposição de toda força empenhada.

O estado passional de raiva deixa o sujeito em face de si mesmo com tensões acumuladas, como podemos observar no trecho a seguir:

Dansando de raiva, Cassiano fez meia-volta e destorceu caminho, varejando cerradões, batendo trilhos de gado, abrindo o aramado das cercas dos pastos, para cair, sem aviso, no meio dos povoados tranquilos dos grotões (ROSA, 1977, p. 147)

Mas, chegando ao São Sebastião, chorou de ódio: topou com um ladrão de cavalos..., e que disse que Turíbio Todo andava longe... (ROSA, 1977, p. 148)

Essa raiva intensifica-se e ele manifesta o estado passional do ódio que se concretiza por meio das figuras “... dansando de raiva...” e “... chorou de ódio...”, pois quer conseguir realizar a vingança, que tanto almeja, porém não conta com muita sorte para alcançar Turíbio; além disso, os informantes que encontra pelo caminho não o ajudam. É mais jovem, mas seu corpo não obedece mais a seus impulsos, porque está muito cansado e fraco.

Então Cassiano trocou pela segunda vez de montada, comprando um alazão de crineira negrusca, porque estava pisado, em seis pontos do lombo, e com fortes assaduras nos sovacos, o cavalo baio-calçado que berganhara pela mula douradilha, a qual, por sua vez, havia aguçado dos cascos dos pés e das mãos. (ROSA, 1977, p. 149)

Turíbio, por sua vez, continua a viagem e ainda aproveita para assistir às festas do Rosário, teatrinho, leilão. Parece estar fazendo turismo. Enquanto isso demonstra suas qualidades de astuto estrategista:

Também Turíbio já usava a esse tempo a quarta ou quinta cavalgada, e aí foi que ele teve a audácia de passar no arraial, porque estava com saudades da mulher, Dona Silivana – aquela mesma que tinha belos olhos grandes, de cabra tonta –, com quem ficou uma noite, e a quem, na hora da despedida, confiou, sob segredo, o seu estratagemma último. (ROSA, 1977, p. 149)

Com saudades de Silivana, Turíbio acaba voltando da fuga e conversa com a mulher, que o aconselha a ir para bem longe esperar que Cassiano desista da vingança. Mas Turíbio, que está apostando na fraqueza do rival, o qual sofre de problemas cardíacos, confia à mulher seus planos de matar de cansaço o oponente e, sabendo que ela o avisaria, disse que iria esperar que a doença o acometesse:

— Pois, olha: eu, afora o papo, tenho muita saúde, graças a Deus... Mas, o tal... Correndo assim por essas brenhas, quero ver! Ele barganha de cavalo, troca, troca, que nem cigano, mas não pode bater baldroca com o coração, lá dele, que não regula direito! É só esperar um pouco e sacudir vermelho nas ventas do touro... Eh, boi bravo!... Estou sem cachorro, mas estou caçando de espera, e é espera p’ra galheiro!...(ROSA, 1977, p. 149)

Turíbio, dessa forma, tenta ridicularizar o rival, usando para isso dona Silivana como confidente, deixando-a imaginar que está desistindo da sua vingança com a súbita viagem. Tudo não passa de uma estratégia, pois sabe que assim que dona Silivana contar a Cassiano a novidade, este a entenderá como estratégia de dissimulação.

Dona Silivana não sabia que Turíbio esperava que a desconfiança e teimosia de Cassiano não o deixariam desistir e entender a estratégia ao contrário. Então, Turíbio acaba

adquirindo um dos cavalos que já fora usado por Cassiano e faz um comentário quase profético: “Cavalinho bom, cavalinho de defunto...” (ROSA, 1977, p. 150).

É importante lembrar que, ao longo dessa perseguição mútua, Cassiano e Turíbio alternam visitas a dona Silivana, amante e esposa que sabia relacionar-se com os dois, mantendo-se solidária a ambos.

Silivana se posiciona, portanto, de forma ambígua entre os dois homens, o marido e o amante, pois ela, como sujeito cognitivo, está consciente de seu papel de objeto-valor e usa a dissimulação para estar, no nível do parecer, ao lado marido, mas no nível do ser, torcer pela vitória do amante, como podemos observar retomando um trecho anterior à confidência que Turíbio lhe faz:

A mulher aconselhara:

— Por que é que você não vai para bem longe, esperar que a raiva do homem recolha?... (Dona Silivana tinha sábios desígnios na cabecinha...)

— Que-o-quê!... Você jura não contar p’ra ninguém uma coisa?...

— Por esta luz!...Pois será que você já não tem mais confiança nem em mim?! (ROSA, 1977, p.149)

Dona Silivana, como Turíbio esperava, dá jeito de revelar a Cassiano que Turíbio pretende deixá-lo morrer de cansaço:

Numa várzea bonita, entre Maquine e Riacho Fundo, ponto fora de rota de povinho a cavalo, um vaqueiro que campeava bois tresmalhados foi mesmo o primeiro que anunciou:

—... e o Turíbio quer é que o senhor morra do coração, seu Cassiano. Não vale a pena dar esse gosto a ele, não!

Cassiano Gomes fez carranca, e pensou; mas respondeu:

— Mamparra! Se ele quisesse isso, não era bobo de sair contando... Ele está mais é com esperança que eu esteja, só por medo de doença... (ROSA, 1977, p. 150)

Turíbio, no entanto, realmente esperava que a persistência de Cassiano em continuar a perseguição o levasse a um final mais rápido e assim se aceleraria o projeto de vingança;

Mas, como Turíbio Todo falara a verdade, para o outro pensar que fosse trapaça, assim se deu que Cassiano Gomes tinha errado, mais uma vez.

E continuou o longo duelo, e com isso já durava cinco ou cinco meses e meio a correria, monótona e sem desfecho. (ROSA, 1977, p. 150)

Observa-se aí que o narrador relata o tempo de duração do duelo que se tornara longo, monótono e sem desfecho. No porto da balsa, os rivais estiveram muito próximos um do outro. Cassiano foi confundido por inimigo do barqueiro e quase morre num tiroteio por engano, resolvendo, então, regressar ao arraial, pois sente os efeitos, em seu corpo doente, dos meses de tantas emoções e privações.

— É... Deste jeito eu não arranjo nada, e fico me acabando atoa... É melhor eu voltar p’ra casa e deixar passar uns tempos, até que ele sossegue e pegue a relaxar...

E Cassiano Gomes estava enganando a si próprio, pois na realidade se sentia de repente cansado, porque um homem é um homem e não é de ferro, e o seu vício cardíaco começara a dar sinal de si. (ROSA, 1977, p. 154)

A reviravolta do destino: A doença de Cassiano Gomes

Assim, a expectativa de Turíbio parecia estar se cumprindo, porém não foi capaz de prever as mudanças nos planos de vingança de Cassiano, operadas pelo destino. A expectativa de Cassiano de encontrar Turíbio para duelarem e pôr fim a sua planejada vingança é frustrada, pois se agrava seu problema de coração:

Mas, no caminho, foi piorando, e teve de fazer alto no Mosquito – povoado perdido num cafundó de entremorro, longe de toda a parte –, onde três dúzias de casebres enchiam a grotá amável, que cheirava a grão-de-galo, murici e gabirola, com vacas lambendo as paredes das casas, com casuarinas para fazerem música com o vento, e grandes jatobás diante das portas, dando sombra. Um lugar, em suma, onde a gente não tinha vontade de parar, só de medo de ter de ficar para sempre vivendo ali. (ROSA, 1977, p. 161)

Cassiano, sabendo por meio de dona Silivana, que o rival rumou para São Paulo, tenta mais uma vez alcançá-lo. Tinha conhecimento de que seria a última tentativa de encontrá-lo, então vende todos os bens e parte, mas é obrigado a parar num lugarejo, o Mosquito, pois a doença o impede de continuar. Recebe cuidados precários da gente do povoado, devido à falta de recursos de todas as ordens dos moradores do lugar. Sente alguma melhora e intensifica-se a sua obsessão pela vingança como se nota no trecho seguinte: “E rangia os dentes ao pensar em Turíbio Todo” (ROSA, 1977, p. 161).

Nessa fase, seu plano de vingança toma um outro caminho. O ator, percebendo a morte próxima, procura por alguém que possa levar a cabo a vingança, e o espaço narrativo explicita uma relação interativa com o ator muito mais significativa que em outras partes do conto:

A paisagem era triste, e as cigarras tristíssimas, à tarde. Passavam uns porcos com as cabeças metidas em forquilhas, para não poderem varejar as cercas das roças. Passavam galinhas, cloqueando, puxando ninhadas para debaixo do marmelinho. E almas-de-gato, voando para os ramos escarlates do mulungú.

E os groteiros também passavam – mulheres de saia arregaçada, de pote à cabeça, vindas da cacimba; meninos ventruados, brincando de tanger pedradas nos bichos ou de comer terra; e capiaus, com a enxada ou com foice, mas muito contentes de si e fagueiros, num passinho requebrado, arrastando alpercatas, ou gingando, faz que ajoelha mas não ajoelha, ou ainda na andadura anserina, - assim torto, pé-de-pato, tropeçante. (ROSA, 1977, p. 161-162)

Essa procura parece ser vã, pois o lugar era carente até de crimes, não parecia haver por ali nenhum valente e Cassiano passava o dia sentado, com o peito apoiado aos joelhos com a *winchester* no colo e o *parabellum* ao alcance da mão. Assim, enquanto esperava a morte, vigiava. Por intervenção do narrador é que visualizamos a situação de iminência de fim de jornada e a urgência que sente em delegar a um outro seu projeto de vingança. Cassiano, como sujeito cognitivo, sabe que vai morrer. Então, parece que o olhar de Cassiano é um raio-x à procura de um sujeito que lhe seja fiel e continue seu percurso.

A morte de Cassiano Gomes e a delegação da vingança a Timpim-Vinte-e-Um

É nesse momento que Cassiano Gomes conhece um capiau, Timpim Vinte-e-Um, que tinha esse apelido porque sua mãe tivera vinte e um filhos e ele era o último. “E passou um irmão do Timpim, dando pancada no Timpim. Dada a desproporção física, isso era uma grande covardia, e Cassiano chamou” (ROSA, 1977, p. 162). O irmão aproxima-se de Cassiano pensando que era com ele, mas foi imediatamente dispensado e, então, Timpim atendeu a seu chamado. Conversaram, Timpim explicou que apanhava, pois seu irmão queria as mandiocas que ele estava trazendo e que ele não dera porque eram para sua esposa, que tinha acabado de dar à luz a seu filho e não tinha nada para comer em casa. E na fala do matuto Cassiano foi pouco a pouco identificando as características que procurava para seu sucessor no plano de vingança contra Turíbio:

— E por que é que você, que tem essa testa cabeluda de homem bravo, e essas sobrelhas fechadas, juntando uma com a outra por cima do nariz, por que é que você ficou quieto e não bateu nele também?...

— Não vê que a minha mãe sempre falava p’ra eu não levantar a mão p’ra irmão mais velho... E, como eles todos são de mais idade, por isso todos gostam de dar em mim.

Cassiano inspecionava o matuto, olhando-o de alto para baixo e de baixo para o alto outra vez.

— Oh ferro!... E, uma coisa: você é sempre assim durinho feito pedra? Nunca *murguêia* o corpo nem abaixa os ombros p’ra adiante?

— Nhor não.... sei não... (ROSA, 1977, p. 163)

Observa-se, nas atitudes de Timpim, o respeito ao código de ética familiar. Timpim vivia oprimido pela família por ser o filho mais novo, que deveria respeitar os mais velhos e, assim, estava atrelado a uma falta de autonomia e poder para melhorar sua condição financeira. Cassiano percebe a resistência do capiau e oferece dinheiro ao sujeito para comprar comida para a esposa. Inicia-se, desse modo, uma manipulação por tentação. O processo de manipulação é bem sucedido, dada a disjunção de Timpim em relação ao objeto-valor “bens materiais”. Desse modo, Cassiano competencializa-o e é surpreso que no outro dia recebe a visita de Timpim que fora apresentar-lhe o filho:

— E o menino, que era engraçadinho e esperto, abriu os olhos para Cassiano, que, tanta fragilidade, se enterneceu:

— Será que nem minha mãe eu não vejo, em-antes de eu morrer?!... – gaguejou, soluçando. Pediu que o levassem para a cama; mas já era outro homem, porque chorar sério faz bem. E, no jirau, meio sentado, meio deitado, recostando-se numa pilha - de molambos, travesseiros e até um selim velho – que as mulheres caridosas lhe arranjavam, arfando com esforço e tomando posições para poder sorver algum ar, se esqueceu das armas de fogo e esperou a hora de morrer. A calma e a tristeza do povoado eram imutáveis, com cantigas de rolas fogo-apagou e de gaturamos, e os mugidos soturnos dos bois. E a placidez do ambiente lhe ia adoçando a alma, enquanto que a cara ficava cada vez mais inchada, em volta dos lábios laivos azulados, e a doença lhe esgarçava o coração. (ROSA, 1977, p. 163)

Cassiano, sensibilizado, chora ao ver quão frágil era aquele menino que abria os olhos para ele e se lembra da mãe, angustiado pela possibilidade de não poder vê-la antes da morte. Logo, com a proximidade da morte, esquece-se das armas, preocupado em preparar-se para ir para o céu. Além disso, Cassiano, entre outras coisas, pedia às mulheres velhas que viessem rezar à beira de sua cama. Cassiano torna-se incompetente

— não pode-fazer — para realizar a vingança. Como sujeito de estado disjuncto do objeto valor “saúde”, tem que resolver seu caso de vingança antes que entre em disjunção com o objeto-valor “vida”.

E, pela primeira vez nesses meses se lembrou do irmão assassinado, realizando ser por causa da morte do mesmo que ele andara em busca de Turíbio Todo. E também pensou no Céu, coisa que nunca tivera tempo de fazer até então. (ROSA, 1977, p. 164)

E, num dia em que estava pior, aparece-lhe o Timpim chorando e pedindo ajuda para salvar o filho recém-nascido que estava doente e não tinha dinheiro para trazer um médico do arraial vizinho. Cassiano dá-lhe dinheiro para buscar o médico, comprar remédios e ainda lhe pede para trazer-lhe um padre, pois queria confessar-se.

Timpim beijou-lhe as mãos, proferiu agradecimentos e no afã de demonstrar-lhe o quanto lhe era grato, começou a beijar-lhe os pés. Timpim não sabia como agradecer àquele que passou a considerar um compadre. Cassiano, depois da vinda do médico e do padre, depois de confessar-se e rezar, pensa a quem deixaria seu dinheiro:

- Maior paga do que essa não tem, meu compadre Vinte-e-Um...
E Cassiano Gomes não pode esconder o consolo que isso tudo lhe trazia.
Veio o médico; veio o padre Cassiano confessou-se, comungou, recebeu os santos-óleos, rezou, rezou.
Mandava o dinheiro para a mãe? Não. Mandou vir o Timpim, para nele rever a boa ação. Conversaram. Depois o moribundo disse:
- Esse dinheiro fica todo para você, meu compadre Vinte-e-Um...
Aí, tomou uma cara feliz, falou na mãe, apertou nos dedos a medalhinha de Nossa Senhora das Dores, morreu e foi para o céu. (ROSA, 1977, p. 165)

É importante destacar que a dúvida de Cassiano logo se desfez, como relata o narrador, traduzindo-nos seu pensamento. Quando toma a resolução de deixar o dinheiro a Timpim, a quem chamara para nele “rever a boa ação”, fica pressuposto que, pela conversa que tiveram, ele delegara a Timpim, a performance de matar Turíbio.

Cassiano continua mobilizado pela vingança, mas se encontra debilitado e, como não pode realizar seu objetivo, busca em Timpim o sujeito do fazer delegado que considera competente para realizar a performance de matar Turíbio.

Firmam, pois, um contrato fiduciário, fundamentado numa relação de confiança, de /crer/. Dessa forma, Timpim, que entende ter o dever de recompensar seu benfeitor, compromete-se a realizar a vingança.

Convém ressaltar que, no modo como o narrador anuncia que Cassiano foi para o céu, evidencia-se a sua posição parcial, não neutra, em relação a esse ator. “Aí, tomou uma cara feliz, falou na mãe, apertou nos dedos a medalhinha de Nossa Senhora das Dores, morreu e foi para o Céu.” (ROSA, 1977, p.165). O fato de observar que ele foi para o céu revela um certo posicionamento do narrador que parece optar pelo lado de Cassiano na disputa pela honra ofendida.

Turíbio, por sua vez, fica sabendo do ocorrido pela carta de Dona Silivana que o chamou de volta para o lar.

Saltou do trem também com uma piteira, um relógio de pulseira, boas roupas e uma nova concepção do universo. Mas tinha de fazer ainda um dia a cavalo e estava com pressa, porque Dona Silivana tinha os olhos bonitos, sempre grandes olhos, de cabra tonta. Por isso, ele nem teve tempo de negociar um animal: arranjou um cavalo emprestado; almoçou sem fome, e deu à andadura. (ROSA, 1977, p. 166)

Estava muito alegre pensando que experimentava a liberdade, pois não havia mais Cassiano para assombrá-lo. Turíbio pensava que o jogo havia terminado. É como se durante uma guerra ele estivesse exilado em outro lugar, São Paulo e, com o fim da batalha, estava recebendo anistia, podia voltar para casa tranquilo. Justamente Turíbio que resolveu sair do território de alcance de Cassiano por meio de uma trapaça. Voltemos um pouco na trama para lembrarmos o ocorrido: “Mas, como Turíbio Todo falara a verdade, para o outro pensar que fosse trapaça, assim se deu que Cassiano Gomes tinha errado, mais uma vez.” (ROSA, 1977, p. 50) E, dessa vez quem erra é Turíbio ao pensar que está livre, pois Cassiano deixara arquitetada a morte daquele que tirara a vida de seu irmão.

Timpim vai, portanto, em nome do dever de fidelidade a Cassiano, em busca de Turíbio e começa a viajar a seu lado até obter a certeza de sua identidade. Turíbio não desconfia dele, estava era aflito para chegar em casa. Mas de repente estremeceu ao ouvir uma voz que ainda não tinha escutado do viajante ao seu lado, ao ouvir, enfim, o nome de quem havia mandado Timpim em seu encalce. Timpim o mandava descer do cavalo e avisava-o de que ia matá-lo:

- Não grita, seu Turíbio, que não adianta... Peço perdão a Deus e ao senhor, mas não tem outro jeito, porque prometi ao meu compadre Cassiano, lá no Mosquito, na horinha mesma d'ele fechar os olhos...

Ao ouvir o nome do inimigo, Turíbio Todo teve um maior sobressalto. A mão da garrucha do capiauzinho tremia. Turíbio também pegou todo a tremer.

- Ah, quanto é que ele te pagou? Eu posso dar o dobro, te dou tudo eu tiver!...

- Não tem jeito, não seu Turíbio... Abaixo de Deus, foi ele quem salvou a vida do meu menino... E eu prometi, quando ele já estava de vela na mão... É uma tristeza! Mas jeito não tem... Tem remédio nenhum... (ROSA, 1977, p. 171)

Turíbio tenta manipulá-lo por tentação buscando suborná-lo, usando para isso todo o dinheiro que tinha. Porém, fracassa nesse objetivo, restando-lhe apenas apelar para a súplica, pela piedade de Timpim e pela ajuda de Deus. Entretanto, aquele é movido pela força da gratidão para realizar a vingança de Cassiano. Timpim cumpre, portanto o prometido, atirando em Turíbio antes que este tivesse tempo para reagir. Desse modo, por meio da vingança selvagem, que regia o código ético dos dois rivais, Cassiano, obtém a vitória no duelo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FERREIRA, A.B. de H. *Novo Aurélio*. O dicionário do Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

LOMBARDO, P. Colère. In: RALLO DITCHE, E.; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des Passions Littéraires*. Paris: Berlin, 2005.

ROSA, J. G. *Sagarana*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.